

ALTERAÇÃO NO TEXTO

Era de Ughoton que vinham historicamente, quase sempre, os essenciais recursos logísticos para as guerras dos obás. E também em seu território que criminosos e supostamente tal eram agrupados para servirem como mercadoria de exportação, no rumo do Brasil e, muitas vezes, os mais altos, destinados a exigentes, mas melhor pagantes, comerciantes que levavam as cargas humanas em direção ao extremo norte da nova terra, a América. Dizia a lenda aceita como realidade, que somente homens de grande estatura e compleição forte, suportariam o frio inimaginável das terras a que se destinavam. Os baixotes e os franzinos morreriam em pouco tempo, constituindo-se por tal, mercadoria desprezada pelos mercadores mais sofisticados, que faziam à rota das Índias Ocidentais e Estados Unidos. Abiolá fora sempre muito bem informado nesse e em todos os assuntos relacionados com o tráfico. Sua sutileza no agir, transferia à subordinados tarefas que representavam clara e precisamente os objetivos do Estado e de sua pessoa, duas coisas que muitas vezes se misturavam a seu favor. O tempo estava mudando as coisas e Ughoton perdia gradativamente sua importância. Agora era um período em que, face à pressão de grupos humanitários na Inglaterra e razões comerciais – a incipiente Revolução Industrial – cada vez mais se tornava difícil o transporte de escravos: temíveis forças tarefas britânicas policiavam com eficácia tanto a costa da África, quanto o caminho para o norte rumo às Índias Ocidentais, e, mesmo, a costa do Brasil. A faceta de mercador de Abiolá, sem que com os traficantes travassem com ele o mais leve contato, incluía, assim, saber como ocorriam as coisas em outras praças; como se comportavam comercialmente os europeus de tempos novos, industriais, e, no tráfico, os brasileiros, agora sem a companhia dos americanos. Naquele momento, o tráfico para a América era já recordação passada de Abiolá; tempos de grandes ganhos, com a venda qualificada de homens especiais.